

O MURMURIO.

PERIODICO LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

(PROPRIETARIO—A. P. DE S. PEDERNEIRA.)

N.º 19.

OUTUBRO 1.

1856.

POESIA CLASSICA E ROMANTICA.

VENDO a divergencia d'opinões que se tem introduzido entre nós sobre estes dous generos de poesia, e a obscuridade com que se costuma tractar esta questão, á força de subtilidades, e de se perderem os questionantes em abstrações metafysicas, nos pareceu a nós que poderia ser d'alguma utilidade o que vamos dizer, para os que não fazem profissão de litteratos, e que rem uma ideia clara desta controversia manifestando sobre ella o nosso juizo com a devida imparcialidade.

Por poesia classica contraposta á romantica, entendemos a dos antigos Gregos, e Romanos, e a moderna que se propoem a estes por modelo, seguindo as leis que elles estabeleceram tiradas da natureza, segundo elles a observavam.

Poesia romantica, ou de romantismo, é a que sem seguir, as pisadas dos antigos, busca seus assumptos, e seus meios de entressar na idade media, pintando os costumes feudaes, ou cavalleirescos, e servindo-se das tradições, e fabulas populares, como de uma nova mythologia, para excitar por este meio emoções fortes, e recordações nacionaes.

Parece-nos que esta distincção é mais entelligivel que o idealismo Platónico, ou que o Mysticismo Alemão, a que muitos tem recorrido para caracterizar a poesia romantica. Como quer que seja, alguns partidarios acerrimos da poesia classica, confundindo os vicios introduzidos naquella com o mesmo genero, não veem neste mais que delirios e extravagancias. Quem ha-de soffrer, dizem, as monstruosidades de Calderon de la Barca, ide-

latrado hoje em dia pelos Allemães? Que homem de juizo são poderá interressar-se nos contos de Cavallaria, e naquelles prodigiosos encantamentos, visões nocturnas, e outros partos como estes, de uma extraviada fantasia? Sem philosophia, nem criterio, poderá haver cousa boa nas artes?....

Pelo contrario, os cegos admiradores da poezia romantica, redarguindo a seus antagonistas, dizem = Essa arida philosophia he a que tem secado os mananciaes da imaginação, produzindo commumente obras insulsas, destituidas de interesse, de calor, e de movimento. O espirito sêcco e methodico dos perceptistas, e criticos, como Aristoteles, não pode ser um justo apreciador dos agradaveis sentimentos, que as artes incitativas excitam. A imaginação deve voar com a ousadia da aguia, desprezando os que tractam de a refrear.

Eis-a qui duas opinões igualmente falsas para quem busca imparcialmente a verdade nas discussões litterarias. Quem negará que a poezia classica nos offerece excellentes modelos? Quem disputará o superior merecimento de Homero e Euripides, de Virgilio e Horacio, de Racine e Boileau, de Pope e Adisson, de Camões e Diniz? Se os maus imitadores destes celebres poetas não tem produzido se não obras insulsas e desenxabidas, culparemos a eschola que elles seguiram e não a esterilidade do seu engenho?... O bom gosto, e a philosophia que distinguem os eminentes auctores de genero classico, longe de prejudicar o vôo da imaginação, antes o guiam com acerto, evitando que se extravia.

Sem embargo disso, não está o merecimento exclusivamente vinculado

aos poetas que tem seguido este systema classico. Entre os partidistas do romantico os há tambem muito recommendaveis. Dante, e Ariosto, os quaes se podem considerar como os principaes mestres d'esta nova eschola, passam entre os bons litteratos das nações civilisadas como poetas eminentes. O incomparavel Tasso, ainda que se accommodou ás leis do systema classico na composição do seu poema, pertence tambem ao genero romantico pelo assumpto d'aquelle, pelos costumes cavalleirescos, e pelas maravilhosas ficções proprias d'aquelles tempos. Outros celebres engenhos foram cultivando este genero na Hispanha, na Inglaterra, e Allemanha, cujas obras se leem com enthusiasmo n'estas nações; e presentemente os criticos imparciaes são de opinião que a poesia romantica, guiada pela solida razão, pode chegar á da perfeição da classica, e ainda a interessar-nos mais que esta; por quanto se exercita em pintar objetos mais analogos ás nossas instituições politicas, habitos, e costumes.

Com effeito, qual de nós não sente uma impressão profunda, um prazer inexplicavel, lendo os romances cavalleirescos e mouriscos, em que se pinta ora a gallardia pondonosa do heroico Cid, ora o denodado ardimento de Bernardo del Carpio, já a ternura e gentileza d'um Gasul, já o sobre humano patriotismo de Gusmão el Bueno, as proezas d'um Palmeirim, d'um Clarimundo, ainda mesmo fabulosos.?

N'este genero de composições é onde mais sobresahe a louçania do engenho dos antigos poetas de Hispanha; onde a poesia se apresenta com um caracter original; animada, vigorosa, rica em generosos sentimentos e bellas imiagens; dando vida a quantos objectos prescreve com a magia d'um estilo rapido, fogo, pintoresco e d'uma linguagem adornada com as galas do oriente. O povo embellesado estudava com ancia estes romances para os cantar, porque pintavam os sitios em que haviam acontecido as aventuras dos mouros e christãos, e os affectos que animavão a uns e a outros, recordando a gloria nacional. Não negaremos que muitos d'estes roman-

ces peccam ás vezes por excesso de louçania, e falta de correcção no estylo, porem tambem é certo que abundam em galas poeticas, e que em sua classe se aproximam á perfeição.

E' esta, pois, uma excellente poesia do genero romantico, o qual só se distingue da poesia septentrional, em que esta é d'ordinario mais melancholica, sombria e entregue a meditações profundas, ou aliás occupada em pintar a violencia d'arreatadas, e terriveis paixões. A dos romancistas hispanhoes apresenta uma natureza mais agradavel, e descreve affectos mais ternos, em uma linguagem summamente rica e harmoniosa.

Dominou no theatro hispanhol a poesia romantica no tempo em que se prevertia o bom gosto, e se inundou a scena de novellas dramaticas, admiraveis em geral pela interessante variedade de seus argumentos, pelas muitas situações theatraes que apresentam, pela viveza e movimento da acção, pela rapidez, desembaraço, e elegancia do dialogo; porem ao mesmo tempo viciosas, por se não haverem sujeitado seus auctores ás essencialissimas leis da unidade da acção e propriedade dos caracteres: leis fundadas na mesma natureza, e não em disposições convencionaes, como as unidades do logar e tempo, que admittem por isso mesmo mais largueza. Apesar d'estes e outros defeitos, que por demasiadamente conhecidos não devem repetir-se, o povo admirava e applaudia estes dramas, só porque pintavam os costumes nacionaes, o pondonor e a galanteria cavalleiresca.

Assim pois os poetas, que successivamente quizerem agradar como aquelles, e ainda excedel-os n'este genero romantico, procurarão animar seus quadros com equal vida, e pintar os costumes antigos com a mesma propriedade, sem cahirem nos seus extravios, encherem suas composições de grandes pensamentos, d'agradaveis imiagens, e não de palavras canoras, porem vãs de sentido.

A poesia romantica tem um caracter particular, é verdade, porem está sujeita em seus planos, e nos meios d'execução, ás leis que a razão, e o

hom gosto dictaram: donde vem, que, faltando ellas, não pode haver verdadeira belleza e sómente os corruptores da boa litteratura poderão defender as extravagancias d'uma imaginação delirante.

(A. A. N. M. L.)

GEOGRAPHIA BREVE DO REINO DA POESIA.

Verba et voces, praeterea nihil.

E' a *poesia* um reino muito extenso, e mui povoado o qual confina a leste com a *elegancia*, ao sul com a *pintura e esculptura*, e ao poente com a *musica*. — As costas do norte são banhadas pelo oceano da *en-dição*.

Divide-se como outras regiões em *alta* e *baixa poesia*. — A *alta poesia* é habitada por um especie de gente grave, com ar de importancia, e cara fiavel, e cuja linguagem, comparada com a das outras provincias, é como o hispanhol relativamente ao francez. — São n'ella os homens de ordinario heros de profissão. — E' para elles um *lambisco* partir de meio a meio, de um talho de catana, um gigante armado de ponta em branco. — No que toca ás damas, nem o proprio sol so pode compor em belleza com a mais feia de todas. — Os cavallos d'aquella região correm mais que o vento, e as avoies que elles nos pintam, vdo topetar com as nuvens, se não passam ainda d'ellas acima ás vezes.

A capital desta provincia denomina-se a *poesia épica*: — é edificada em um terreno arenoso e ingrato, e que poucas pessoas por isso tem procurado cultivar. — E' esta cidade a maior do reino: — e o certo é que os viajantes, que tem querido perlustrar toda a sua extensão tem cansado antes de chegar ao fim d'ella.

Os seus habitantes, e em geral os de todo o reino, não são demasiadamente escrupulosos sobre a *verdade* do que referem. — Entertem um estrangeiro que es attende, com *fabulosas narrações* feitas como querem, as quaes elles imbutem seriamente, e de um modo que interessa. — Tem muito cuidado de conduzir os curiosos, em geral ao antigo mausoleo de Homero, ao tumulo de Virgilio, e ao monumento erigido pelo Tasso á memoria de Godofredo.

O que é desagradavel nesta cidade,

são as *contendas*, os *desafios*, os *combates*, e as *matanças* que a cada passo se encontram. — Porém a tristeza que esta vista infunde, dissipa-se assim que se entra no grande suburbio dos *Romances*. — E' este mais extenso que a cidade: nelle são os ares excellentes; e todas as pessoas de ambos os sexos são as mais completas que dar se podem. — Todas tem viajado muito, e amam apaixonadamente. — Gastam todo o tempo em proueres, e em continuas festas, e quasi não permitem que estrangeiro algum volte para a sua patria, sem ter assistido a meia duzia de bodas das mais esplendidas.

Des confins d'este arrabalde se divisam umas serras mui altas e escarpadas, cheias de despenhadeiros por todos os lados — E' o paiz da *tragedia*, paiz extraordinario, onde sobre tudo se notam as ruinas de algumas cidades antigas, cujos restos ainda são bellos. — Assim que se aproxima a elle a gente, sente-se logo dominada de uma lugubre melancolia; e os seus habitantes se fazem de dia a dia tam cruéis e sanguinarios, a ponto de as proprias muiberes darem palmas á vista de um miseravel, que é apunhalado, ou toma veneno por sua mão.

Ha na mesma provincia um palacio da *opera* construido por um magico italiano, que o construiu de modo que, bem como a santa casa do Loretto, se pedesse transportar a toda a parte. — Tendo porém o tempo, e outros varios accidentes, desfigurado a sua architectura, e debilitado agente da sua guarnição, parece ter sido invadido por um corpo de tropas ligeras sabido do campo *burlesco*, e commandadas pelo *ridiculo*, o qual as conduziu daquella provincia, que fica no limite da *baixa poesia*.

Não longe deste paço, em um sitio dos mais benignos, eleva-se a antiga cidade da *comedia*. — nesta agradável cidade geralmente se diffunde um gosto geral pela *pintura*. — E' pena porém, que ás vezes se valham d'este talento para pintar objectes perigosos, fazendo-o de um modo seductor. — Cada um dos seus moradores se diverte de bem grado com as *sandices* do seu vizinho, sem lhe importar muito se não dará tambem elle aos outros motivo de riso. Comtudo isso não é da gente de *peior meral*.

Está dividida a cidade em cinco *bairros*. — A' entrada de cada um é recebido quem alli entra, por uma banda de *musicos*, e ás vezes por um rancho de *dançasinos*. E' praça, cujo accesso é defendido por uma cidadella, chamada *prologo* na lingua do paiz, posto se possa entrar por outro lado sem ir alli render homenagem; mas entrando-se por alli, fazem-

lá parar os visitantes, informarem do que ella contem de bom, e para lhes padirem se comportam attentosamente, durante o tempo que estiverem alli precauções destinadas todas a ter a praça em segurança contra os assaltos dos *dos crúicos*, que é nação *ardilosa e maligna* por via de regra, e que está sempre em guerra com a *poesia*.

Na incosta de um outeiro apresenta-se á vista outra cidade, que é a *tragi — comedia*. — Pretendem alguns faze-la rival da outra, de que acabamos de fallar: mas ainda que pessoas da mais alta jerarquia houvessem fallado n'este projecto, elle comtudo não sahiu bem da discussão.

A *alta* e a *baixa poesia* separadas pelos vastos ermos do *bom sizo*, especie de deserto em que se não encontra aldeia, nem casal, mas apenas algumas choupanas de *bom gosto*, espalhadas por aquelles campos. — E', quanto ao resto, o mais bello paiz do reino: — produz abundantemente todas as cousas necessarias á *vida poetica*. — A escassez de habitantes, nesta rica região, nasce, em primeiro logar, de serem os seus «caminhos» apertados e escabrosos, e em segundo logar, da dificuldade de achar para lá *bons guias*.

Alem disto, esta provincia está rodeada *quasi quasi* por todos os lados pela região do *espírito falso*, cujo povo leviano se entretém em andar após de *ninharias* e de *brilhantes chimeras*, a formecendo ás vezes nos braços da *voluptuosidade verbal*; de sorte que poucos dali querem sahir, e ter o trabalho de se entrosaharem pelas visinhas solidões da *inspiração*.

A capital d'esta perigosa provincia denomina-se *elegia*: é cercada de cavernas, de ribeiros, de rochedos, e de bosques, em que passeiam sem cessar os seus solitarios habitantes. — Elles os fazem confidentes do seu amor; e tem tal medo de que os mesmos os atraíçoem, que os conjuram a que lhes conservem um silencio, que aos pobres rochedos e bosques não passa pela ideia quebrantar.

O reino da «*poesia*» é banhado por dois rios immensos — a *rhyma* e a *rasão*. — Este, corre todo nas solidões do *bom sizo*, e dali vem ser pouco frequentado: — o outro sahe do pé da montanha da *imaginação* e faz parar grande numero de viajantes á vista de um alcaçar, construido nas suas margens com muita elegancia apparente, o qual se denomina o palacio da *frivolidade*.

A provincia que acabamos de descrever, é cercada pela vasta floresta da *sundice*, cujas arvores são tão bastas, tão frondosas, e tão bravadas umas com as outras, que nunca

os raios do *sol da correção* tem podido alli penetrar — E' tão antiga, que os homens consideram como ponto religioso o não tocar em alguma das suas arvores.

Em suas raias jaz a *imitação*, provincia, que não deixa de ser muito extensa, mas que é no geral nimiamente esteril, e por conseguinte mui pobres os seus habitantes, os quaes ganham a sua vida a *gandaiar* pelos visinhos campos, e sem se mostrarem muito agradecidos aos donos dos *productos* que apanham.

A *poesia* é sumamente fria da banda do norte, habitada por homens, já *baixinhos*, já *espigados*, todos pedantes e affectados, a ponto que se lhes derem ouvidos só nos fallarão em latinorios. — E por mais de uma hora farão pezar sua conversação sobre um vocabulo, sobre um texto, ou sobre um pensamento formado de mil maneiras. — Ali se encontram as pequenas povoações do *anagramma* do *acrostico*, do *enigma*, da *charada*, e outras que não merecem a pena de se verem. — O que só ha notavel nesta provincia é não se encontrar alli homem *édoso*; porque todos morrem *moços*.

Este reino, por este lado, intesta com o oceano, de que falamos. — Em pouca distancia das costas jaz a ilha das *satyras*, dependente do paiz da *poesia*. — O mar que rodeia esta ilha, é abundante de *saxs*, sumamente acres e picantes: — e é talvez esta uma das causas, que faz o temperamento, ou condição dos insulares, tão *biliosos*, e o seu humor tão *azedo e mordaz*. — Ha todavia, alli uma cidade, em que é melhor o caracter d'elles: é a cidade do *chiste apulo*. — No tempo em que a ilha estava debaixo do dominio dos Romanos, foi esta ilha governada por certo *Jurnal*, que deixou alli diffundido o gosto do verdadeiro, o qual ainda se não perdeu de todo.

Poderíamos aqui tambem fallar da peninsula do *epigramma*, que termina em uma *ponta muito aguda*, mas deixando essa descripção, bem como a do cabo do *matrigal*, e a difficil barra do *soneto* em que é preciso muito tino para bem *fundear*; suspendo a penna pela difficuldade que offerece a navegação aqui e sobretudo entre os escolhos da *ode* que muitos temerariamente acommettem, mas em que naufragem mesmo grandes *pilotos*, sem fallar dos immensos outros atrevidos *bisonhos*, aquem seus penhascos pagam bem merecidamente o seu vaidoso attrevimento.

D. M. L.

O AVARENTO.

AO MEU AMIGO GABRIEL DE MOURA COTTINHO

« Rex justus erexit terram, vir avarus
« destruit eam.

« L. dos Proverb: cap. = 29 = v = 4.

A historia do avarento é o horto onde de rastos se humilha a pobreza d'uma nação.

É um livro todo de crimes — cada pagina uma fileira de familias sacrificadas — cada letra, uma lagrima derramada pela face do infeliz, cavada pelo soffrimento e macilenta pela fome.

É o plaine safaro e arenoso, que absorvendo o orvalho da manhan, não pode ao menos vicejar nelle um arbusto bravo e espinhoso.

Accumula thesouros sobre thesouros, fechando nos seus cofres de bronze, as lagrimas das viúvas, a honra das donzellas, e o patrimonio dos orphãos.

Vel-o-heis sempre calcular a amizade pelas riquezas do amigo (1)

O avarento é o filho engeitado d'uma nação: ja mais — carietará-se não aquelle que poder lançar mais algum punhado d'ouro nos montões que ja possui.

A sociedade vê no sordido avarento o carrasco infame e traçoero da humanidade desvalida.

Encarae-o por qualquer lado social, seja qualquer que for o prisina porque ó definirdes, o avarento será sempre um abutre social.

A religião encontra nelle um agente do demonio, um inimigo da caridade. A sociedade, um filho bastardo que paraliza o commercio e embarga a prosperidade da nação.

É o avarento é o ente mais desgraçado que pode imaginar-se! é a penas o guarda de seus thesouros; o fiel depositario de suas riquezas, o Cerbero estygio. É a imagem de Tantalos que se definhava á sede no meio das aguas!

Miseravel! carece do que os outros tem, porque o mesmo que possui lhe falta! (2)

Ingenhosamente inventaram os antigos a Plutão rei do inferno e imperador das riquezas: era apenas um só passo entre uma e outra região, o rei d'uma devia forçosamente imperar na outra.

É o avarento é o escravo do seu ouro; curva-se a contemplal-o como se vira nelle todas as delicias da bemaventurança, infeliz!

(1) Avarorum doctrina est tanti te ipsum putato, quantum habueris.

Plut: de cupid: divit:

(2) Tam deest avaro quod habet, quam quod non habet.

Senec: lib: 3 = controv: 18.

nem o que é seu lhe pertence! (3) e mais obedece ao ouro do que a Deus! (4)

Maldito ouro que veas da região do mal! (5) maldito mal que veus da região do ouro! (6)

Chegae-vos á porta do avarento e dizei-lhe — eu tenho fome — vel-o-heis soccorrer-vos com um sorriso d'escarneo, fulminar-vos com um olhar de condemnado!

Dizei-lhe que um punhado do seu ouro, pode estancar as lagrimas de muitas familias, ou valer á honra d'uma virgem, e vel-o-heis tremer como o vime, amorteecer como lampada de cemiterio, porque essa felecidade vae diminuir-lhe as suas riquezas, vae ferir-lhe a corda mais sensivel da alma!

É que o avarento vive das lagrimas do infeliz — regala-se com as miserias do desgraçado!

É digna de compaixão a vida do avarento: é um lutar constante entre lagrimas e ouro, entre suspiros e riquezas, entre o ceu e o inferno.

Infeliz! elle conhece estas verdades, finge ignoral-as, e treme d'experimental-as!

O ouro materialisou-o... a sociedade repelle-o como tigre que se nutre de victimas... e Deus amaldiçoou-o, porque o avarento é na vida todo do ouro, como na morte será todo do demonio...

Perguntae-lhe se vive feliz — se nunca o remorso lhe roeu a consciencia, e se os seus sonhos não são os sonhos do condemnado: e o avarento afastando de si a ideia de seus crimes, responder-vos-ha — ouro, ouro, — os meus cofres são como o fogo, nunca me dizem, — basta. — (7)

Mesquinho! guardas na tua vida a tua morte, e será teu proprio ouro quem t'ha d'arrojar ao abysmo...

A sina do avarento é a maldição de Deus: vive sordidamente no mundo, soffre agonias do inferno na morte, e regula prodigos depois do terrivel passamento.

Junta, apinha montões d'ouro, roubados á viuva desamparada, ao orphão desvalido, e á sociedade que se prostitue a um aceno teu, que Deus vingará o opprimido na terra.

Treme de frio, estala de fome para não trocares o teu ouro, que teus herdeiros se tor-

(3) Divitiae non sunt avarorum, sed avari sunt divitiarum.

S. Boavent: in Diacta tit: I.

(4) Magis obediunt auro, quam Deo.

Idem, serm: I. de SS. Apostolis.

(5) Ab Aquilone aurum venit.

Job. c. 37. v. 22.

(6) Ab Aquilone pandetur malum.

Jerem. c. 1. v. 14.

(7) Ignis nunquam dicit, sufficit,

Proverb: c. 30. v. 16.

marão prodigos, como o prodigo das Escrituras: (8)

Junta gotta a gotta um mar de lagrimas empurra milhões de vezes o pobrinho que t'es-mollar de joelhos as migalhas do teu pão, que teus herdeiros vingarão essas lagrimas; porque teus herdeiros dissiparão na licença e devassidão os teus mentes d'ouro.

Vives sem caridade, esqueces este o maior dos preceitos do Evangelho; e Jezus Christo será o teu juiz.

Quanto és infeliz, avarento! és odioso aos teus parentes, pezado aos teus creados, inutil aos teus amigos, innaccessivel aos extranhos, molesto aos teus vizinhos, de tua propria mulher mau companheiro, e todo o dia, e toda a noite pensativo sempre! (9)

Desgraçado! a fora a tua morte nada fazes d'util no mundo! (10)

Ella é aguardada, como o naufrago anheia no meio do oceano que as vagas encapelladas o cuspan muito longe, e uma onda descaindo o abandone na praia ainda a mais deserta e longinqua; porque então nesse derradeiro instante do passamento, esmigalham-se elo a elo as cadeias que roxeavam os pulsos das victimas que tu arrastavas á boca de teus cofres: estalam as linguetas de ferro que ajudavam a encerrar esses montes d'ouro onde tu continuamente te espelhavas.

E a virgem, e o orphão e a viuva respirarão depois livres, porque quebradas ja as algemas que os atavam ao avarento, podem levantar as mãos ao Ceu, bendizendo a liberdade que lhes concedera, fazendo soar o derradeiro momento de vida no coração do avarento, e approximar esse terrivel instante, no qual só Deus sabe quem é o peccador. . . .

FERNANDO CASTICO.

O IMPERIO RUSSO.

O *Almanak Militar da Russia* afirma, que os dominios deste immenso imperio se estendem por uma superficie de 373:174 mi-

(8) *Saepe quod avarus summa congescit solitudine, praecipiti effusione dilapidat haeres luxuriosus.*

D. Ambroz: lib: 2 — offic: = cap. 18.

(9) *Propinquus est odiosus, famulis gravis, amicis inutilis, exteris difficilis, et vix affabilis, vicinis molestus, uxori malus contubernaculis, liberorum parcus atque sordidus educator, noctu, interdium que sollicitus, et cogitabundus.*

S. Asterio Bispo — lib: de avaritia.

(10) *Avarus, nisi cum moritur, nihil recte facit.*

lhas allemães quadradas, das quaes são 72:361-comprehendidas na Europa, (independentemente de 2:293 que formam o reino da Polonia); 276:020 são existentes na Asia; a que tudo devem ser acrescentadas as das aquisições na Turquia, e as 24:000 da America.

Por esta occasião se nota, que a total superficie da Europa não excede 156:000 das dictas milhas allemães

A população russa diz-se que sobe a 60:000:000 de almas; a saber—45:000:000 na Europa; uns 3:700:000 na mornachia da Polonia; dessa 12:000:000 na Asia; e 50:000 na America.

O imperio contem 1840 cidades e villas; 1210 *slobods* ou fortalezas; e 227:400 aldeas e logares.

Entre as varias raças que a povoam, ha 52 milhões de esclavonios; 3 milhões de asiaticos; 2 milhões de tartaros; e 500:000 armenios.

Segundo a ultima relação feita na Secção Estatistica do Ministerio do Interior, em S. Petersburgo, o numero dos judeus russianos que pagam tributos, he de 422:140 em todo o imperio.—Deste numero, 5:227 estão envolvidos em commercio; 413.607 são officios mechanicos, logistas, etc; e 16 3:606 estão empregados em trabalhos da agricultura.

PAUPERISMO.

Em resultado das estatistica feitas a respeito do numero de pobres das principaes nações, tem-se chegado a obter o quadro seguinte, de grande exactidão:

Europa, em geral 1 pobre por cada 20 habitantes.

Inglaterra	1 em	6
Paizes — Baxos.	1 em	7
Suissa	1 em	10
Allemanha.	1 em	20
França	1 em	20
Austria	1 em	25
Dinamarca.	1 em	25
Italia.	1 em	25
Portugal	1 em	25
Suecia	1 em	25
Hespanha.	1 em	30
Prussia	1 em	30
Turquia europèa . .	1 em	40
Russia europèa. . . .	1 em	100

E evidentemente se demonstra assim, que o numero de pobres d'un paiz vae diminuindo á medida que a população industrial vae sendo menor que a agricola, ou reciprocamente.

(Econom. Soc. Hesp.)

BIBLIOTHECAS PUBLICAS.

Dayly News, excellente jornal da Inglaterra, traz uma breve noticia dos volumes das principaes bibliothecas da Europa, a qual pôde reputar-se como um additamento complementar, e sobremodo curioso, á cerca da breve noticia do *Murmurio sobre o valôr e o desapareço das bibliothecas*, (numero 11). — E é a breve noticia bibliologica seguinte, a contar da bibliotheca a mais rica de todas em obras:

A bibliotheca nacional de Paris	824 000
A imperial de Munich	600 000
A imperial de S. Petersburgo	446 000
A do Museu — Britanico de Londres	405 000
A real de Copenhague	412 000
A real de Berlim	410 000
A imperial de Vienna	313 000
A real de Dresde	300 000
A nacional de Madrid	200 000
A ducal de Wolfenbuttel	200 000
A real de Stuttgard	187 000
A do arsenal de Paris	180 000
A <i>Breva</i> de Milão	170 000
A de Sancta Genoveva de Paris	150 000
A ducal de Darmstadt	150 000
A <i>Magliabuchi</i> de Florença	150 000
A real de Napoles	150 000
A real de Bruxellas	133 000
A <i>Casanate</i> de Roma	120 000
A real da Haya	100 000
A <i>Mazarina</i> de Paris	100 000
A do Vaticano de Roma	100 000
A ducal de Parma	100 000

A bibliotheca de Vienna é a mais antiga de todas as modernas; porque a sua fundação data do anno de 1440, sendo aberta ao publico em 1574. — A de Ratisbona foi creada em 1443; a de S. Marcos de Veneza em 1468; a de Francfort em 1461; a de Hamburgo em 1529; a de Strasburgo em 1531; a d'Augsburgo em 1537; as de Berne e Génova em 1550; a de Bale em 1564; a de Copenhague em 1570; a nacional de Paris em 1595; a de Madrid em 1712; e a do Museu Britanico de Londres em 1753.

— V —

O CEGO.

Homem que vôas no teu carro, pára,
Está ahí um pobre! ..
Os teus cavallos refreados sejam,
Um só momento!
Rodas do carro se rodarem, pizam-no:
Ai, pobre cego! ..

E o rico passou avante,
O pobre não lhe empertou!

Era rico... muito rico
Supplicas taes despresou!
Porem, Deus que vella os pobres,
O pobre cego livrou,

E que pobre! foi n'outrora
Um possante campeão!
Foi valente como poucos
Nesta madраста nação.
Se batalhava, era um tigre,
Se vencía, era um christão!

D'uma vez, — choviam ballas,
Corria o sangue d'irmãos!
Era o dia de Juizo
A punir as gerações.
Cada soldado rezava,
Suas santas devoções.

Veio uma bomba inimiga,
Junto delle rebentou...
Mil fragmentos do inferno,
A bomba em volta espalhou...
E um delles... ai, maldito,
A quelles olhos sellou!

Coitadinho do soldado,
Como o lyrio pende, e cae,
Assim cahiu... e no campo
O soldado soltou um ai...
Seria um adeus derradeiro...
Que elle mandava a seu pae?

Aos partidos vencedores,
Que eram seus, pediu-lhes pão:
Nunca pedira outra paga;
Nem premio, nem galardão!
Ai, ceguinho... a caridade,
Nos partidos, não 'stá, não!

E como pôde esta patria,
Ir avante... prosperar,
Se os soldados que não servem
Vão-se ao monturo lançar! ?
Nem se quer um pão de rala
A fome lhes vem matar!

A'vante... ávante, governos
Que, Deus vos ha de julgar!
— Mandae que todo o soldado,
Se junte n'um só logar,
E de pois... soldados novos,
Os velhos arcabuser!

FERNANDO CASTIÇO

No dia 13 de Março de 1562, assentou os seus arrayais sobre a Fortaleza de Marzagão o Príncipe de Marrocos, Mahamet, filho herdeiro de Muley Abdalá Xarife, Rei do mesmo Reino, e de outros muitos da Africa, e o mayor Senhor, que então havia entre os Mouros. Constava o exercito de quinze mil de cavallo, e setenta mil de pé, tudo gente escolhida, e doze mil gastadores; mas a parte mais vigorosa, e arrogante, erão oito mil arcabuzeiros Turcos, e renegados, que de muitos annos se havião criado na guerra, e agora quasi desprezavão a prezente, como facil, e dezigual ao seu valor. Achava-se governando a Fortaleza Rodrigo de Souza, em logar de seu irmão Alvaro de Carvalho, Governador, que era de propriedade, e então se achava em Lisboa. Constava o presidio de oito centos Portuguezes, os seicentos de pé, os outros de cavallo: Era grande a falta de munições de guerra, e bocca; Com que o nosso perigo fazia asséz provavel a presumpção dos barbaros; mas em fim a sua presumpção trocou-se em desengano, e o nosso perigo em victorias, não menos admiraveis, que plausiveis.

Ann. Hist: vol. 1 — pag. — 332 —

Ha cidades em Portugal que sem estarem tam longe de Castella, como Roma de Carthago, nem as dividir um mar, senão hum pequeno rio, e a algumas huma linha mathe matica, tam confiadas estam de si mesmas que por mais que são mandadas fortificar, não se fortificam, havendo (a maneira dos Spartanos) que onde estam os peitos de seus Cidadãos não são necessarias muralhas.

Vieira — Serm: de S. Roq: edic: 1642.

CHARADAS.

Explicação das charadas do n.º antecedente

1. — APIMANO —

2. — MARMELADA —

1 } Natural é que assim diga
 Quem prantear o seu mal,
 Quando lhe cravam no peito
 Hum assassino punhal.
 1 } Sou flor bem conhecida
 Té mesmo mui trivial
 E que m'encontram disposta
 Por hi em qualquer quintal.

Quando o filho de Clymeas
 Do terno Pae alcançou
 1 } Lhe confiasse o governo
 Do carro que se virou,
 E o mancebo insensato
 Do mesmo se despenhou.
 Foi em mim, foi em meu seio
 Que sepultura encontrou.

CONCEITO.

He planta que á familia
 Pertence = das umbrelladas, =
 E com outra se confunde
 Das venenosas — chamadas.
 He optimo vegetal
 Que serve para saladas
 Porem é das hortaliças
 Por aqui mienos usadas.

A. P. d'Araujo.

2 } Pelos vastos sertões do Novo-Mundo
 Até do Tigre arrosto có-a feresa,
 Tenho bonito aspecto, e dou mil voltas
 Quando quero pilhar a minha presa.

1 } Foi por mim que Abrahão á voz do Eterno
 A patria abandonou, sendo já velho;
 Foi por mim que Moysés, deixando o Egipto,
 As agoas dividio do mar vermelho.

CONCEITO.

Debalde quiz meu rei suster no throno:
 Bem sabe Gaia quanto eu fiz por elle;
 Mas que valem d'um subdito os esforços
 Contra o poder do reino, que o repelle?

Almeida Braga.

1 } Córro desde que nasci
 Sempre; sempre sem parar.
 1 } Leva-me o vento e vou
 Em toda a parte pousar.

1 } Eu tanto sou necessario
 Que me encontram jurarei,
 Na Cabana do pastor
 E no palacio do Rei.

CONCEITO

O meu todo é conhecido
 Lá no ceu entre as estrellas;
 E até posso dizer
 Que sou huã das mais bellas.

A. P. D'ARAUJO.